

Arcadismo Mineiro

I. Contexto Histórico no Brasil

A descoberta do ouro em Minas Gerais teve profundos reflexos na vida nacional. Dela decorreram:

1. O deslocamento do centro econômico da Colônia do Nordeste (Pernambuco e Bahia) para o Sul (Minas Gerais e Rio de Janeiro), este último escoadouro natural da produção aurífera mineira;
2. O surgimento de uma sociedade urbana, complexa, nas cidades mineiras, com maior mobilidade social;
3. O aumento da fiscalização sobre a arrecadação dos tributos devidos a Portugal e o aumento da carga tributária, o que provocou reações, como a Rebelião de Vila Rica e a Inconfidência Mineira;
4. A estabilização de uma sociedade culta, constituída de funcionários da Coroa, magistrados, mineradores e comerciantes, que estudaram na Europa, assimilando os ideais iluministas;
5. O aparecimento de associações de homens cultos, as Academias e Arcádias, que transpuseram para a Colônia os modismos artísticos e intelectuais da Europa.

II. Marília de Dirceu

- Na **primeira parte** (anterior à prisão) mostra-se o poeta cheio de esperanças, fazendo projetos conjugais, defendendo o ideal de vida burguês.
- De um modo geral, predomina o convencionalismo arcádico, embora possamos já constatar a presença de manifestações pré-românticas que se acentuarão na **Parte II**.
- Aí, com efeito, se constata mais intensamente a presença da mitologia, do bucolismo, da imitação, do racionalismo - postulados estéticos arcádicos e neoclássicos.
- Podemos apontar **três fatores básicos** que contribuíram para a individualidade poética de Gonzaga:
 - o romance com a menina Maria Dorotéia;
 - a prisão “injusta e brutal”, como inconfidente;
 - e a magia da natureza e do clima tropical.

“Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, d’ expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal, e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!
Eu vi o meu semblante numa fonte,
Dos anos inda não está cortado:
Os pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o próprio Alceste:
Ao som dela concerto a voz celeste;
Nem canto letra, que não seja minha”

- A **segunda parte** das liras traz a marca dos dias de masmorra, longe de sua pastora e de seu rebanho, curtindo a amargura da prisão.
- Daí o caráter nitidamente pré-romântico que perpassa as diversas liras que a constituem e que nos lembra Casimiro de Abreu, posteriormente, com sua poesia da saudade.
- Colocado face a face com a realidade brutal, na cadeia, ganha a sua poesia novos acentos, maior autenticidade, dissipando-se, em parte, aquele idealismo e convencionalismo dominante na **Parte I**.
- E assim, pelo tom confessional e plangente, pela presença de saudade, ganha a sua poesia maior dose de individualidade e naturalidade, podendo muitas liras ser arroladas no pré-romantismo:
 “Eu tenho um coração maior que o mundo,
 tu, formosa Marília, bem o sabes:
 Um coração, e basta,
 onde tu mesma cabes.”
- É curioso observar na Parte II o emprego do verbo no passado: o poeta vive de lembranças e recordações.
- A **realidade que o cerca é o mal presente**.
- É interessante perceber, neste sentido, a lira 15, onde o poeta revive o mesmo ambiente bucólico que envolve a lira I - do bem passado.
- Mas note-se que o poeta jamais perde a esperança de rever Marília, de reconstruir tudo - porque crê na sua inocência:

“Ah! minha Bela; se a Fortuna volta,
 Se o bem, que já perdi, alcanço, e provo;
 Por essas brancas mãos, por essa faces
 Te juro renascer um homem novo;
 Romper a nuvem, que os meus olhos cerra,
 Amar no Céu a Jove, e a ti na terra.”

- Na lira 64, Gonzaga refere-se a Tiradentes depreciativamente.
- Parece que as expressões ofensivas com que se dirige ao alferes foram ditadas pelo propósito de minimizar seu comprometimento com a Inconfidência, já que o processo ainda estava em curso.

“Ama a gente assisada
 A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
 Que ponha uma ação destas
 Nas mãos de um pobre, sem respeito e louco?
 E quando a comissão lhe confiasse,
 Não tinha pobre soma,
 Que por paga ou esmola lhe mandasse? “

III. Cláudio Manoel da Costa

- **Principais características:**
 - Influência de Camões (sonetos), e resíduos cultistas (transição Barroco/ Arcadismo);
 - Fixação pelo cenário rochoso de Minas Gerais;
 - Dilaceramento interior provocado pelo contraste entre o rústico mineiro e a experiência intelectual e social na Europa;
 - Ambiguidade nativismo e colonialismo;
 - Platonismo amoroso, que tem como temas constantes: o amante infeliz e a tristeza da mudança das coisas em relação à permanência dos sentimentos.

IV. O Uruguai – Basílio da Gama

- Tenta conciliar a louvação de Pombal e o heroísmo indígena.
- Culpa cai sobre os jesuítas.
- Uso de verso branco(decassílabos heróicos e sáficos).
- Poema **lírico-narrativo** ao invés de **épico**.
- Muitas vezes cai no tom laudatório(elógio a Pombal).
- Natureza colhida por imagens densas e rápidas.
- Caminho para o paisagismo romântico.
- Morte de Lindóia(cobra).
- Crítica à guerra(1757) e suas desgraças.

V. Caramuru – Frei Santa Rita Durão

- Alusões à flora brasileira e aos costumes indígenas tornam a obra mais nativista.
- Edificação do índio através do Cristianismo.
- Crítica aos hibridismos da Renascença em matéria de mitologia.
- Valorização do maravilhoso cristão.
- Antecipação romântica: construção da epopéia bíblico-medieval.
- Extrema fidelidade aos modelos clássicos e às hierarquias mentais da Contra-Reforma inserem-no na linhagem conservadora de Portugal.
- Diogo aparece como o homem que ensinou aos bárbaros as virtudes e as leis do alto.

Organização: Professor Gilmar Ramos de Souza